

nem solicitações, nem reformas, nem ministros socialistas. . . Mesmo quando eles são dados por vencidos e quando os seus militantes são encarcerados ou fuzilados, e os seus métodos declarados como falsos e nocivos a todos, sobretudo ao operariado, são eles que promovem a concessão de migalhas à grande massa. E é até por eles que alguns rábidos e alguns hábeis se aboatam com pastas e postas. Benditos sejam, pois! E toea a favorecê-los. . .

As colónias anarquistas experimentais

No número passado, falou-nos o camarada Fabbri da *Colónia anarquista* de Claudon Hill, na Inglaterra, e no seu entusiasmo apresentou-a como uma prova de que a anarquia não é uma utopia.

Nós, escusado será dizê-lo, estamos bem convencidos de que a anarquia é praticável, pois que é, no nosso entender, a forma de organização social que melhor garante a liberdade e o bem-estar de todos e portanto deve acabar por conquistar a adesão de todos — e achamos que, em matéria de instituições sociais tudo é prático e realizável, se os homens estão de acôrdo para o querer. Mas não nos parece que a *Colónia* dos camaradas ingleses prove grande coisa em favor da praticabilidade das nossas ideas; e apressamo-nos a dizê-lo porque, se um dia essa colónia se desmanchar — coisa que nos causaria desprazer mas não assombro — queremos poder sustentar que o malôgro dessa tentativa não é argumento contra nós, assim como não foi argumento em nosso favor o seu êxito. Outras colónias se fundaram, que prosperaram por algum tempo e foram citadas pelos entusiastas como prova de que a anarquia é realizável — e agora os burgueses fazem grande troça do caso!

A comunidade de Claudon Hill é um belo e recomendável exemplo do que pode a constância, a concórdia, o espirito de fraternidade. . . valiosamente secundados por um capitalista que adiante os fundos; mas negamos que ela tenha o valor experimental que

lhe supõe o amigo Fabbri, e que aliás, ao que nos consta, nem os próprios colónos lhe atribuem.

E o que dizemos da *Colónia* de Claudon Hill, estendemo-lo a todas as colónias, em que várias escolas sociais tem tentado ou tentam aplicar os seus ideais.

Na verdade, ¿ que é que pode provar o facto de algumas dezenas de camaradas, escolhidos de propósito em tôda a Inglaterra, os quais simpatizam entre si, não só pelas ideas comuns, mas ainda pelos seus caracteres pessoais, e acham-se animados de forte entusiasmo por aquela dada empresa, empenhando o seu amor próprio no bom êxito dela, e esperam alcançar uma independência e um bem-estar impossíveis de obter com o trabalho salariado ás ordens dum patrão, que é que prova, famos dizendo, o facto de conseguirem viver de acôrdo e manter a sua empresa sem precisão de nomear um chefe?

¿ E se êsses camaradas, que por uma feliz conjuntura se acham de posse de terras e instrumentos de trabalho, prosperam ou chegam porventura a enriquecer, não o devem acaso, á sua actividade e intelligência, sim, mas também á posição de capitalistas em que se encontram para com todo o mundo exterior?

Não se exploram entre si, não exploram ninguém directamente, mas exploram involuntariamente toda a grande massa dos trabalhadores proletários, que nas trocas, quer aproveitando-se dos serviços públicos e de todos os benefícios da civilização, que aos capitalistas ficam baratos, porque são obra de trabalhadores mal pagos: — e por isso o seu caso não pode servir para mostrar o que seria uma sociedade baseada na igualdade e na solidariedade.

Bem diversos e bem mais graves são os problemas que a anarquia tem que resolver. Ela deve poder fazer-se com os homens como quer que sejam e onde quer que se encontrem; deve equiparar as condições humanas, apesar das diferenças naturais de posição; deve organizar a produção e a troca em proveito de todos e sem o estímulo do interesse individual e corporativo; tem

que fazer face aos grandes serviços públicos, caminhos de ferro, correios, regime das aguas, hygiene pública, etc. sem precisão de autoridade; tem que garantir a segurança pública sem policia; tem em suma que realizar a harmonia em tôda a vasta e complexa vida social, e não já unicamente nos serviços caseiros dum pequeno grupo.

Dizer que um grupo de trabalhadores vive em anarquia, quando está submetido a tôdas as leis cívicas e penais feitas ou por fazer, e quando em tôdas as suas relações exteriores tem que proceder segundo os princípios do comércio e da concorrência, é como dizer que a anarquia existe numa família cujos membros querem bem uns aos outros, tem o bom costume de nunca impor coisa alguma uns aos outros pela força e trabalham em comum sobre um capital indiviso. Pode admitir-se como um modo de dizer, mas não como uma prova de que a sociedade humana pode viver e prosperar sem propriedade individual e sem governo,

E quando, garantida a prosperidade da *Colônia*, os explorados, os desocupados, os camaradas perseguidos bate-rem à sua porta, que farão os *colonos*? Acolher todos não é possível, pois o território de Clauden Hill não pode dar trabalho e pão senão a um número muito limitado de indivíduos: forçoso será, pois, recusar a entrada a todos os que chegarem depois dos primeiros. E então, será a *Colônia* mais do que a propriedade privada duma associação? E não exercerá ela sobre o moral dos seus membros e sobre a propaganda da idea os mesmos efeitos que qualquer empresa capitalista?

O próprio Fabbri o diz: *nas relações de interesse com todos os que à Colônia não pertencem, tem ela, se quer viver, que se comportar burguesmente.* E pode dizer-se que pratica a anarquia quem, numa parte tamanha da sua vida, isto é, em toda aquela que ultrapassa o seu trabalho pessoal e as relações imediatas com o pequeno grupo em que vive, é forçado a portar-se como um burguez?

E demais, onde está na *Colônia* a liberdade a que aspiram os anarquis-

tas? Os seus membros, se dela saísem, achariam de novo a escravidão do salariado, a miséria, talvez a impossibilidade de arranjar trabalho; e portanto, se não querem renunciar ás vantagens que a *Colônia* garante, são obrigados a ficar ali.

Pode chamar-se livre a um homem que se vê constrangido, sob pena de cair na miséria e na escravidão, a permanecer tôda a vida num determinado lugar, em companhia de determinados indivíduos?

E se por uma razão qualquer e talvez pelo próprio facto de terem que estar juntos à força, deixa de existir o acôrdo, ¿seria extranho que os dissidentes, já habituados a uma vida desafogada e independente, preferissem pedir e exigir a divisão da propriedade colectiva a ter de cair de novo na miséria, depois de consumida a juventude para criar a prosperidade da *Colônia*?

Os santos não são coisa comum... mesmo entre os anarquistas colonizadores! Mas poderia dizer-se por isso que a anarquia fez fiasco?

Mais: em Clauden Hill ha 27 homens, quase todos rapazes, e 4 mulheres. Pode considerar-se como uma forma estavel de sociedade uma coletividade de celibatários, que não são partidários nem da promiscuidade nem da castidade virginal? Um dia ou outro, êsses rapazes hão de querer tambem casar-se. E então, quem pode prever o que sucederá?

Compreendemos que cada um procure desde já melhorar a sua situação, e entre os vários modos como se pode tentar consegui-lo, preferimos, e muito, a cooperação igualitária; e por isso folgamos cordialmente com os êxitos dos camaradas de Clauden Hill. Mas a Anarquia... é coisa bem diversa.

Errico MALATESTA.

(*L'Agitazione*, 28 Out. 1897)

NOTA. — A *Colônia* de Clauden Hill há muito que desapareceu. Quanto a Fabbri, que era então novo na propaganda, parece ter-lhe passado também o entusiasmo pelas «*colônias*» comunistas.

A Sementeira publica-se no dia 1 de cada mês.